

FONTE : JB

CLASS. : 130

DATA : 07 08 91

PG. : 13 | Ecologia

Inpa contesta os cálculos do Inpe sobre desmatamentos

639
BELÉM — O pesquisador norte-americano Philip Fearnside, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), denunciou ontem que mais uma vez o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), com sede em São José dos Campos, São Paulo, errou nos cálculos sobre desflorestamentos na Amazônia feitos com base em imagens dos satélites Landsat e NOAA. "Os desmatamentos na Amazônia Legal, no período de 88 a 89, que segundo o Inpe atingiram 36 mil quilômetros quadrados, na realidade abrangeram uma área de apenas 19 mil quilômetros quadrados", afirma Fearnside.

O Inpe cometeu erros primários nos cálculos sobre desflorestamentos na Amazônia, computando, por exemplo, áreas devastadas do estado do Amazonas em quilômetros quadrados e não hectares. "Vários cálculos do Inpe foram

diferentes dos meus", alerta Fearnside. "Dentro do Inpe existem vários setores. O de meteorologia trabalha com o satélite NOAA, que estuda as queimadas. Eles fizeram cálculos de desmatamentos aplicando percentuais que outros estudos indicaram estarem errados. Deram valores a mais."

Segundo o pesquisador, um outro setor do Inpe, o Departamento de Sensoriamento Remoto, que trabalha com o Landsat, apontou no passado apenas 5% da Amazônia como desmatados, "muito abaixo do real. Eu contestei esses dados na época" — explica Fearnside. "Em junho de 90, o Inpe mostrou outro estudo, com dados de 89, lançado pelo secretário José Goldemberg em Manaus. Na época, eles calcularam a taxa de desmatamento de 88 para 89 em 36 mil quilômetros quadrados. Hoje, o melhor dado para aquele mesmo ano é 19 mil quilô-

metros quadrados desmatados", revela o ecólogo.

Revisando os dados, Philip Fearnside descobriu que os desmatamentos haviam diminuído pela metade. "Logo, de 36 mil para 26 mil naquele ano porque eles tinham usado em parte do estado do Amazonas hectares no lugar de quilômetros quadrados — 100 vezes maior. Deram o estado do Amazonas como campeão do desmatamento naquele ano, o que não é o caso. Aquilo, conhecendo a região, dava para saber que estava errado. Depois, a partir de julho de 90 fiz estudos em colaboração com o pessoal do Inpe sobre esses dados. De lá para cá foi diminuindo."

Os equívocos não teriam ficado por aí. "Houve erro no Maranhão com a localização da divisa entre o cerrado e a floresta. Quer dizer: os dados de 88 tinham considerado menos área de flores-

ta que em 89 e deu a impressão de que haviam surgido grandes áreas desmatadas. Tinha outro problema no Maranhão com quilômetros quadrados e hectares, e também com a hidrelétrica de Tucuruí, que não foi contabilizada nos dados de 88 e foi incluída nos dados de 89. Então, deu a impressão que em um ano haviam aparecido 2.460 quilômetros quadrados. Tudo isso somado, com outras coisas pequenas, fez com que baixasse de 26 mil para 19 mil quilômetros quadrados em um ano", afirma o pesquisador.

Alertando que "ainda tem alguns pontinhos para verificar", Philip Fearnside revela que dados preliminares do Inpe apontam para 1990 uma taxa de desflorestamentos de 13,8 mil quilômetros quadrados, mas ainda estão sendo revisados com análises de anos anteriores.



José Roberto Serra — 18/07/86

O desmatamento na Amazônia foi menor nos últimos anos